

I - Introdução

Segundo o espírito e a prática missionária então reinante, desde o início, o objetivo da presença missionária entre os índios Munduruku foi convertê-los ao cristianismo e mostrar-lhes as vantagens da "civilização".

Há setenta anos atrás, quando os dois primeiros franciscanos chegaram ao Rio Cururu, era este ainda pouco habitado em suas margens. O que facilitou aos missionários a atração dos Munduruku foi servir-lhes de intermediários na venda dos produtos e aquisição de mercadorias. Desse modo, amoldaram-se eles à sistemática dominante na área e acabaram colocando-se como "patrões". Por serem tidos como bons patrões, foram aos poucos atraindo muitos para as margens do Cururu.

Estabelecidos na área e depositários da confiança do povo Munduruku, os franciscanos iniciaram sua atividade missionária marcadamente catequética e proselitista. Fiéis a seu tempo, eles apresentaram aos Munduruku um cristianismo baseado em conceitos "ocidentais", sem levar em conta os valores da religião indígena. A atividade missionária foi assim um fator que contribuiu para o desaparecimento dos rituais nativos. O que se percebe hoje é a acomodação do povo aos ritos sacramentais cristãos. O que realmente significa para eles a missa dominical, o que significam os sacramentos?

Um modo de se obter melhores resultados na catequização e "civilização" dos indígenas foi a abertura de internatos para as crianças, em frontal desrespeito ao sistema educativo indígena. Durante cerca de meio século, muitas crianças foram "educadas" por padres e irmãs. Felizmente, o sistema de internatos foi abolido há cerca de quinze anos. Não terá o internato provocado o "esquecimento" de diversos valores da cultura Munduruku?

II - A situação que observamos

Referindo-nos aos Munduruku do Cururu, mais ligados à missão, constatamos que a transformação, ou melhor, deformação cultural se acentua à medida em que aumenta a proximidade ou dependência à missão. Esta observação vale sobretudo para o crescente individualismo, em grande detrimento do comunitário. E o individualismo vem acompanhado de um desrespeito pelas coisas alheias. Ouvem-se queixas frequentes, principalmente na missão, de furtos e uso de canoas dos outros sem permissão.

De modo geral, a adoção de casas pequenas, substituindo as malocas que abrigavam várias famílias, vem há muito contribuindo para o desaparecimento da família extensa em suas várias funções. Dentro do processo de individualização, o gesto de repartir e compartilhar vai cedendo espaço para uma diferenciação entre pessoas e famílias, numa competição ditada pela busca do ter sempre mais, e mais que os outros. Aliás, nessa competição, começa-se a perceber certa rivalidade entre seringueiros e garimpeiros. A "cooperativa", com todas as suas facilidades, vem contribuindo nisso e na dependência sempre maior do povo aos artigos importados (da pedrinha de isqueiro ao rádio e toca-disco). Não se vêem mais as elaboradas redes artesanais, as trabalhadas panelas de barro: são pouquíssimas as pessoas ainda de posse da técnica de sua confecção. O próprio uso do arco e flecha já é pouco difundido.

As festas e danças, as flautas, os cantos e os mitos, que no passado faziam parte da vida do povo e o mantinham unido, parece que perderam seu lugar e significado. As manifestações esporádicas de danças com flautas, de cantos e narração de mitos, não chegam a envolver a todos. Tem-se a impressão que muitos vêm nessas atividades coisas de índios "brabos", e eles fazem questão de afirmar que não são e não querem voltar a ser "brabos". Afinal, para que as flautas antiquadas, se temos hoje os toca-discos?

A atração sempre maior que o garimpo vem exercendo sobre os jovens, casados ou solteiros, tem levado muitos deles a ausências prolongadas e frequentes do seio da família e da aldeia. O regresso de um grupo de garimpeiros representa quase sempre uma ocasião de abuso de bebidas alcoólicas, com suas manifestações negativas.

Quanto à terra, verifica-se que a maioria se preocupa: não querem perdê-la nem vê-la diminuída. Os do Cururu, não satisfeitos com a demarcação oficial, iniciaram uma por conta própria no ano passado. Mas a picada demarcatória, embora de apreciável extensão, não foi concluída. Dão eles continuidade ao trabalho até agora executado? A própria ocupação da terra é muito heterogênea. Existem grandes vazios, e parece haver grande relutância em viver em pontos mais afastados, embora a terra seja boa. A impressão que se tem é que a dependência às mercadorias vindas de fora os segura onde é mais fácil ou próximo o acesso aos centros locais de consumo.

Dentro deste quadro, é fácil imaginar as dificuldades que este povo indígena está enfrentando para oferecer às suas crianças uma educação sadia, dentro das riquezas de suas tradições. Não se sentem os velhos quase vencidos diante das transformações?

III - O relacionamento que mantemos

O povo Munduruku está espalhado na área ao longo do Tapajós, do Juruena e São Manoel, está nas tradicionais campinas, está ao longo do Cururu. Com exceção dos que vivem no Cururu, temos tido raros contatos com os outros e os conhecemos muito pouco.

Os do Cururu, sobretudo os que se encontram mais na área de influência da missão, mostram-se totalmente dependentes: querem ter um papai nos padres e uma mamãe nas irmãs. É o que certas atitudes parecem confirmar. Enquanto os agradamos, está tudo bem; quando os contrariamos, está tudo ruim, reagem com raiva e rebeldia. Mas, para não perder os pais e as irmãs, e para se beneficiar da cooperativa, da cozinha, dos remédios e dos pequenos agrados, submetem-se às normas da missão. O relacionamento, contudo, vem tingido de uma mentalidade interesseira neles incutida: tudo que fazem tem de ser pago; mas o que recebem, querem-no de graça.

Os padres são vistos como patrões, polícia, segurança. Enquanto patrões, prolongamos a dependência do povo. Enquanto nos mantivermos dentro desta estrutura de missão, vamos continuar colaborando no processo de deformação cultural. Se nas aldeias ainda encontramos uma boa vida comunitária, na missão já é evidente o individualismo, a diferenciação entre pessoas.

O relacionamento patrão - produtor, para nós como para eles, tem-se constituído em barreira que dificulta um relacionamento melhor. Com os moradores da missão, principalmente, não houve um entrosamento nosso no sentido de viver e repartir a vida com eles. Nas raras ocasiões em que tivemos permanência mais prolongada numa aldeia, foi-nos valiosa a experiência de vida junto deles. Então, ao menos momentaneamente, parece ter desaparecido a figura do patrão.

A missão, em sua estrutura atual, mantém o povo Munduruku dependente, não o prepara para o futuro, não o arma para enfrentar a realidade que o ameaça. Dentro dessa estrutura, permanecemos parados no tempo com a cooperativa, com a escola, com a questão religiosa.

Levamos tempo para chegar a esta conclusão, mas estamos agora convencidos da inutilidade de tentar uma transformação, tendo este tipo de missão como ponto de partida.

IV - Linhas de ação

Apesar de todas as pressões sofridas ao longo dos anos, por parte de missionários e de outros, o povo Munduruku mantém até hoje sua língua nativa e as expressões básicas de sua cultura. Além disso, ao menos parte do povo começa a despertar para uma reafirmação dos valores culturais ainda presentes, mas quase esquecidos.

O que fariam os fundadores da missão diante da situação presente? Acreditamos que eles, que procuraram ser fiéis ao seu tempo, não se conformariam em manter-se parados no tempo. "Reconhecendo os erros que cometemos como Igreja na nossa atuação missionária junto aos povos indígenas, pedimos perdão a eles e a Deus" (3ª Assembléia Geral do CIMI, julho de 1979).

Afirmam os bispos latino-americanos: "As culturas não são terreno vazio, carente de autênticos valores. A evangelização da Igreja não é

um processo de destruição, mas de consolidação e fortalecimento desses valores; uma contribuição ao crescimento dos "germes do Verbo" presentes nas culturas" (Conclusões de Puebla, n. 401).

O Conselho Indigenista Missionário, CIMI, nas quatro assembleias gerais até agora realizadas (1975, 1977, 1979, 1981) reafirmou como linhas básicas de atuação missionária indigenista:

a) Terra: "Apoiar, com todos os meios ao nosso alcance, os povos indígenas que estão lutando pela demarcação, recuperação e garantia de suas terras" (2ª Assembleia Geral, novembro de 1977).

b) Cultura: "Promover a cultura indígena como um autêntico valor humano e evangélico, base da unidade tribal. E opor-se, com todas as forças, contra qualquer tipo de folclorização da mesma cultura indígena" (2ª Assembleia Geral, novembro de 1977).

c) Autodeterminação: "Procurar por todos os meios devolver aos povos indígenas o direito a serem sujeitos, autores e destinatários de seu crescimento. Reconhecer que, como pessoas e como povo, são e devem ser aceitos como adultos, com voz e responsabilidade, sem tutela nem paternalismo, capazes de construir sua própria história. Conseqüentemente, qualquer organismo, religioso ou civil, que considere o índio ou grupo indígena como propriedade ou objeto de manipulação, atenta contra os direitos fundamentais da população indígena" (1ª Assembleia Geral, junho de 1975).

Afirma João Paulo II, em Manaus, na sua Mensagem aos Índios: "Que a vocês, cujos antepassados foram os primeiros habitantes desta terra, obtendo sobre ela um particular jus ao longo das gerações, seja reconhecido o direito de habitá-la na paz e na serenidade, sem temor - verdadeiro pesadelo - de serem desalojados em benefício de outrem, mas seguros de um espaço vital que será base, não somente para a sua sobrevivência, mas para a preservação de sua identidade como grupo humano, como um povo."

Na tentativa de concretizar esses princípios apresentados pela Igreja, estando nos propondo:

1) a dedicar-nos mais intensivamente ao aprendizado da língua Munduruku,

2) a colocar-nos a serviço do povo Munduruku de toda a área, em visitas mais frequentes e demoradas a todas as aldeias ou agrupamentos menores. Queremos documentar essas visitas como instrumento de avaliação da nossa caminhada junto com o povo Munduruku.

3) a entregar a cooperativa e atividades econômicas ao povo Munduruku a partir do próximo ano. Acreditamos na capacidade de eles assumirem sua vida econômica, e estaremos sempre prontos a assessorá-los. O processo já está sendo encaminhado. Para lhes proporcionar maior independência da FAB ou outros elementos de fora, temos o projeto da aquisição de um ou dois barcos.

4) a incentivar e promover encontros com indígenas de outras áreas e, se possível, com lavradores,

5) a ajudar a sociedade envolvente a se libertar de seus preconceitos contra os povos indígenas. Temos feito uma contribuição pequena quanto a uma nova mentalidade na Diocese de Santarém nos poucos lugares onde a pastoral indigenista é aceita e propagada pelo menos um pouco.

Terminamos com palavras da 4ª Assembleia Geral do CIMI, em julho de 1981: "Constatamos com alegria um avanço da organização, da prática e da tomada de consciência dos setores populares, entre os quais se situam as comunidades indígenas. Unimo-nos a todas estas lutas e, desde que respeitadas as características próprias da caminhada dos povos indígenas, salientamos o valor e a importância da união e solidariedade de todos os oprimidos (índios, lavradores, operários e todos os setores e categorias de explorados)."

setembro de 1981

Frei Miguel Kellett
Frei Vítor Kameyana